

Episódio 16: Sismar com Maria Marques e Ricardo Clemente fundadores do museu Quake em Lisboa

[Separador musical]

Alexandra Carvalho (AC) - Olá! bem-vindos ao Sismar, mais um episódio do podcast da SPES. Hoje vamos “Sismar” com a Maria Marques e Ricardo Clemente, fundadores do Quake - Museu do Terramoto de Lisboa. Eu sou a Alexandra Carvalho.

Mónica Amaral Ferreira (MAF) - e eu sou Mónica Amaral Ferreira

AC - A Maria Marques é de Relações Internacionais, o Ricardo Clemente de Marketing e Publicidade e, por volta de 2015, tiveram uma “epifania”; resolveram mudar de vida e resolveram escolher o tema do sismo de 1755.

Contem-nos como é que surgiu esta ideia e como é que pensaram em criar um museu. Não só o tema em si, como depois a criação do museu. Como é que isto aconteceu?

Maria Marques (MM) - Olá, bom dia. Antes de mais obrigada pelo convite. É um prazer estarmos aqui e falar um bocadinho sobre este projeto, que hoje em dia já está a funcionar. Já deixou de ser um projeto para ser um museu ao serviço de todos que moram em Lisboa e não só. Como disse, portanto, isto nasceu em 2015. A ideia de fazermos algo em Lisboa, que falasse sobre a nossa história, sobre a nossa cidade, e acima de tudo queríamos um espaço que tivesse estes conteúdos, mas que fosse também um espaço que tivesse uma vertente didática, uma vertente científica, uma vertente histórica. E após alguns debates entre mim e o Ricardo sobre alguns temas que poderíamos abordar, relacionados com a nossa história, rapidamente chegamos ao terramoto 1755. Isto porquê? Porque também percebemos que era um tema que não estava bem falado ou divulgado na nossa cidade. Por todos estes motivos chegámos aqui a este tema.

Ricardo Clemente (RC) - Bom dia. Entrando aqui nesta conversa, no fundo eu acho que o terramoto 1755 tem uma relevância na história de Portugal e na história da Europa, como dizia a Maria, sentimos que havia aqui uma oportunidade de contar essa história de uma forma mais alargada e, se calhar com um formato diferente. Porque quer a cidade de Lisboa quer Portugal e a Europa, como eu dizia, tiveram uma mudança muito grande naquela manhã de 1 de Novembro. E a adicionar a isso, sentimos que vivemos numa sociedade que tem muito pouca consciência sísmica.

AC – Sim, não tem memória, não é?

RC - E a memória destas coisas é uma memória que tem uma janela curta como vocês já falaram nalguns episódios aqui. No outro dia ouvia até a Susana Custódio falar sobre isso e sentimos que o formato que nós criámos e o formato do Museu - do museu Quake - é um formato que usa uma narrativa muito forte. Não é um museu tradicional, ou seja, não temos uma coleção para mostrar, até porque num terramoto normalmente a coleção são coisas destruídas; e então construímos aqui uma narrativa muito forte - como eu dizia - que tem aqui vários objetivos, que eu já falei sobre eles.

Mas essa narrativa, é uma narrativa que procura envolver as pessoas numa perspectiva emocional. Porque acreditamos que se queremos passar uma mensagem, temos que fazer com que as emoções das pessoas estejam despertas para isso. Essa narrativa coloca as pessoas - e usando aqui a expressão - no epicentro dos conteúdos. As pessoas são levadas numa viagem no tempo, que para antes de viajarem, elas têm que se preparar do ponto de vista científico, de segurança para fazer essa viagem, e com isso nós já estamos a ensinar

aquilo que queremos. Ao longo dessa viagem exploramos alguns gatilhos emocionais; sabemos que é importante aprendermos com a história, é importante que o conhecimento não se perca e que passe de geração para geração. Sem colocarmos o medo, as pessoas sabem que são confrontadas, que estes fenómenos são fenómenos que atentam contra as nossas próprias vidas; portanto, e todos estes gatilhos emocionais fazem com que as pessoas se envolvam na história. E eu acho que cumprimos aqui uma missão de as pessoas quando saem do Quake sabem que, não é uma questão de se é de quando. E isto passamos a vida a dizer, mas poucas vezes as pessoas se lembram e, ganham esta consciência de que se podem preparar melhor e se devem preparar melhor porque vivemos numa zona de risco.

MM - Ficam mais despertas.

RC - Ficam mais despertas.

AC – Sim, e experienciam também um sismo, não é? E sentem o sismo. Isso é como se fosse um episódio da sua vida real, portanto fica essa memória também.

MM – É marcante, acaba por ser marcante.

AC - Exatamente fica essa memória.

MAF - Aliás, vários sismos. Têm o da Califórnia, S. Francisco...

AC - Mas têm o de 1755 na igreja.

MAF -Tiveram que, para ter esta experiência imersiva, com sons, cheiros, que fala de ciência, de história, tiveram que se rodear dos especialistas, não é?

MM- Sim, isso foi um desafio.

AC- Como é que foi essa relação?

MAF - Houve historiadores, sismólogos, engenheiros houve uma grande equipa por trás, não é? Para conseguir captar, dar... para sentirmos mais ou menos o que é um sismo.

MM - Sim. Tanto eu como o Ricardo não somos da área como dissemos..

MAF - Se calhar é bom também esse afastamento. Porque depois a pessoa liga muito ao pormenor, não é?

RC: Aliás, em determinados momentos até recebemos esse feedback, que foi: é bom ter uma visão externa, quer na parte histórica, quer na parte científica mais ligada à sismologia e geologia. Tivemos muitas vezes esse feedback, que às vezes a visão de alguém que não tem nada a ver com esta área permite criar, se calhar, um produto e uma experiência mais adequada ao cidadão comum.

AC - Claro, ao cidadão e de todas as idades.

MM - Mas é importante também dizer que uma das nossas preocupações, desde o início, é que, como eu e o Ricardo não éramos da área, nós tínhamos aqui dois caminhos. Ou

podíamos fantasiar sobre este acontecimento do dia 1 de novembro — e, quando eu digo fantasiar, era ir para um caminho tipo uma Disney e fazer um bocadinho um equipamento tipo uma Disney — mas tivemos sempre a preocupação, tanto eu como o Ricardo, de ser muito fiéis e não brincar com o tema, por assim dizer. E daí nos rodearmos de pessoas da área, neste caso com o Luís Matias e com a Susana Custódio, e até na parte histórica...

RC - Com o André Canhoto Costa.

MM- ... Exatamente. Portanto, isso foi muito importante para nós, porque nunca quisemos relatar nada que fosse menos real.

RC - Aliás, é um bom exemplo disso. Ou seja, a maior parte das pessoas, quando se fala no tsunami, acha que temos aqui o Canhão da Nazaré a entrar no Terreiro do Paço. E nós próprios ficámos um pouco chocados com isto, porque quando começámos a falar com a comunidade científica para tentar perceber aquilo que foi o tsunami — isto é um pequeno exemplo — e verificámos que, na realidade, a onda não tem as dimensões que a maior parte das pessoas fantasiam. É realmente uma massa de água enorme, mas que... E esse é um excelente exemplo daquilo que a Maria está a dizer, ou seja, quando nós escolhemos a forma como contamos a nossa história, vamos sempre ter neste rigor histórico, neste rigor científico. E isto não tira força nenhuma à história, porque infelizmente o que se passou no dia 1 de novembro de 1755 foi tão devastador, foi tão horrendo, se assim se pode dizer, que não é preciso exagerar nada para que aquele dia e aquele fenómeno tenha a compaixão de todos aqueles que nos visitam e consigam realmente perceber que, se um dia Lisboa voltar a ter um dia daqueles, é uma catástrofe enorme.

MAF - E qual é que é a reação do público? Presumo que, se calhar, algumas pessoas têm receio de ir ao Quake porque acham que... A pessoa nunca se quer lembrar: "Ai, não quero, não fales sobre isso", não é? Eu acho que, quer dizer, acho... Não sei, estou a perguntar, mas há pessoas que se calhar: "Ai, não fales sobre isto senão ainda dá azar, ainda vem o sismo."

MM- E há pessoas que realmente vivem muito...

MAF- Apavoradas.

MM: ... Apavoradas. A verdade é esta: temos realmente pessoas que não pensam nisto, mas também há pessoas que, ou por experiências, ou por enfim, serem mais vulneráveis, têm realmente este medo. Eu já me deparei com pessoas amigas que não vão, que não foram ainda, porque têm medo mesmo e vivem apavoradas. Mas o que nós tentamos transmitir — e as pessoas, depois, quando acabam por ter a experiência, percebem isso — é que nós conseguimos, durante 1 hora e 40, passar a informação certa de forma a não apavorar, mas sim alertar. E, de alguma forma, a tal consciência sísmica de que o Ricardo está a falar é realmente esse um dos nossos objetivos. É que a pessoa saia dali com: o que é que eu posso fazer individualmente, em casa ou na minha comunidade? O que é que posso fazer para, pelo menos, atenuar um dano tão grande como foi no dia 1 de novembro?

AC: Olha, e vocês notam mais afluência quando há algum episódio sísmico na televisão? Ou agora, depois deste sismo recente, as pessoas têm mais tendência a ir visitar o museu depois destes episódios?

RC: Há aqui um... Este episódio (sismo de 26 de Agosto 2024) tem a particularidade de ser nosso, não é? Mas quando comparamos...

AC: ...Ao da Turquia, por exemplo.

RC: ... Ou o de Marrocos.

AC: Que foi divulgado durante muitos dias na televisão...

RC: ... Acontece aqui um fenómeno, que é que nesses episódios, onde nós conseguimos ver o efeito da destruição, há aqui um fenómeno psicológico — que podemos dizer assim, não está estudado, mas pelo menos os números mostram-nos isso — que é: nos primeiros dias, as pessoas até têm alguma relutância, ou seja, acho que ficam ali um pouco na expectativa, mas depois, ao longo dos dias, acabam por querer ir mais ao Quake, porque acho que ganham essa consciência. Neste fenómeno em Portugal, eu digo que acho que foi aquela magnitude ou aquela intensidade de quem vive em Lisboa, por exemplo, que é o suficiente para não... Para alertar, para criar aqui um alarme, sem haver estragos. Ou seja, e nesse aspeto, eu acho que este terramoto teve este efeito positivo. E nota-se aqui uma afluência maior ao Quake por isso. Eu gostava só de voltar aqui atrás num ponto sobre esta questão dos receios de visitar o Quake e das pessoas que têm medo de um terramoto. Isto é típico, acho que é uma questão que está enraizada do ponto de vista cultural. Ou seja, eu não sou cientista, mas, daquilo que vou falando com as pessoas ligadas à ciência, vou validando este pensamento. E, de uma forma geral, tenho recebido este feedback de que as coisas são mais ou menos assim. Que é: nós vivemos num contexto do ponto de vista sísmico em que há a possibilidade ou há a certeza de que vão acontecer sismos de grande magnitude, mas, na realidade, o movimento das placas faz com que haja muito pouca... Que é lento, há pouca frequência sísmica. E isto tem um impacto cultural, que é: as pessoas acham, nós como portugueses, como sentimos tão poucos sismos na nossa vida, achamos que isto só acontece aos outros. Portanto, o Quake pega muito nisto, porque a maior parte das pessoas que nos visita — e a sociedade em geral — esta é uma leitura que podemos fazer. Há um quase facilitismo em relação a este tema, e quando saem após a visita, acho que conseguimos mudar isto. E, felizmente, já fomos visitados, desde que abrimos, por mais de 300.000 pessoas, e acho que conseguimos pôr esta semente e ter aqui um impacto cultural que é muito positivo na sociedade. Como se debateu aqui num episódio anterior, a janela de oportunidade de trabalhar aqui a componente mais psicológica e as alterações de comportamentos é muito curta quando há um sismo. O Quake tem sismos todos os dias, não é?

[risos]

RC- E, como temos sismos todos os dias, as pessoas que nos visitam todos os dias, eu acho que conseguimos trabalhar isso. E, a seu tempo, acho que está a ter este impacto positivo na sociedade.

AC- E têm visitas das escolas também? Faz parte... deveria fazer até parte do Programa nas escolas, sei lá, primária, talvez?

MAF - Uma espécie de “plano de leitura”, não é?

AC - Exatamente, uma espécie de plano, uma visita ao Quake. Vocês fazem alguma publicidade, alguma comunicação entre vocês e as escolas? São as escolas que vão ter com vocês ou vocês também têm o cuidado de promover o museu nas escolas?

RC- Trabalhamos aqui a três níveis, ou seja, a visita normal e regular com as escolas, que é,

divulgamos o museu e as escolas, no seu planeamento das visitas de estudo, felizmente estamos a ter muita adesão das escolas. E, nesta última temporada, vamos-lhe chamar assim, até maio, tivemos ali meses em que estávamos mesmo esgotados com os períodos escolares, porque temos que alocar, porque uma coisa é o visitante regular, outra coisa são as escolas. E estivemos praticamente esgotados até antes do verão, nos períodos escolares. Simultaneamente, trabalhamos já para estar nos programas das escolas, e já estamos com a Porto Editora, já temos conteúdos do próprio museu nos programas escolares. Por último, aquilo que eu mais gostava, e como estavas a dizer, que era de tornar o Quake uma coisa acessível a todos os alunos, especialmente da região de Lisboa. Essas conversações com a Câmara Municipal estão em aberto, confesso que a velocidade com que se consegue trabalhar isso nem sempre é aquela que eu acho que é a melhor, até porque a Câmara tem um papel, mas as escolas têm a sua autonomia. Nós não deixamos de ser um projeto privado, com os seus investimentos, e que temos um preço que também reconhecemos que não é fácil ser acessível a todos. Mas nós, como fundadores do Quake, gostaríamos e estamos abertos a tentar criar condições para que o Quake, no mínimo, todas as crianças da região de Lisboa pudessem, algures durante o seu período escolar, poder visitar o Quake.

MAF - É porque é muito importante, porque toca em várias áreas, desde...

AC - ...Sim, a Geologia...

MAF- A Geologia, até matemática, não é? Na engenharia, a história. Portanto, eu acho que estão a fazer um excelente trabalho na parte da divulgação e da educação.

MM - E há aqui uma dinâmica engraçada que nós temos constatado, que muitas das vezes os próprios alunos, que vão com as escolas, ficam tão entusiasmados que acabam por voltar depois com os pais ou com os avós. E eu costumo falar muito nisto, porque realmente é algo que me deixa muito satisfeita, que é ver sempre os netos e os avós a irem ao Quake, e cada um, da sua forma, interpretar e falar sobre a experiência. O avô, que assistiu provavelmente ao de 1969, e que passa esse conhecimento ao neto, e o neto, que entretanto acaba por estar no museu do século XXI, e acaba por desafiar o avô a participar em determinadas...

AC- Olha, e esses conteúdos e essas experiências são dinâmicas? Vão mudando ao longo dos anos ou vai havendo melhorias ou revisões dos conteúdos? Isso acontece ou acham que está estabilizado?

RC - Não, acreditamos que há sempre um processo evolutivo. Do ponto de vista do conteúdo em si, vamos ter que ir atualizando o nosso conteúdo à medida que a história sísmica e a própria história vão alterando, e há aqui algumas coisas que nós já sabemos que se calhar temos que ir atualizando, do ponto de vista do conteúdo. Este sismo recente não deixa de ser um sismo relevante, e, a seu tempo, nós queremos também incluí-lo nos conteúdos do Quake. Há uma das salas em que temos a cronologia dos sismos em Portugal Continental...

MAF - Falta agora o de 26 de agosto...

(risos)

MM - E está lá um espaço para ele.

(risos)

RC - Já tem o seu papel lá. Mas, do ponto de vista histórico, porque, andando só aqui um passo atrás e sabendo que este é um podcast em que há um pilar da ciência muito grande, mas nós não deixamos de ter sempre a par aqui a história, porque são as duas principais mensagens do Quake. Ou seja, e andando só um passo atrás para depois explicar o que quero dizer à frente: o dia 1 de novembro de 1755, como eu dizia, mudou a história da Europa e do mundo, e de Portugal, a vários níveis, não é?

MAF - Sim, a Filosofia, tudo.

RC - Do ponto de vista da sociedade, com a relação entre a religião e a sociedade, esta dicotomia entre o mal moral e o mal natural. Ou seja, as pessoas são confrontadas, que realmente, ou Deus não tem o poder de regular a natureza, ou então Deus não é tão bom como supostamente nós achávamos. E tudo isto vem criar, realmente, uma mudança de paradigma na história da Europa. Juntando isto ao Iluminismo, funciona quase como um catalisador. E inclusive há uma visão histórica de que a própria Revolução Francesa, no momento em que aconteceu e a forma como aconteceu, se calhar, se não tivesse sido o sismo de 1755, as coisas não teriam acontecido desta maneira. Portanto, neste sentido, nós sabemos que a história não pára, não é? E uma das coisas que nós procuramos é ter sempre isto atualizado. E a nossa máquina do tempo, por exemplo, percorre vários momentos históricos. Ela começa a andar para trás com a epidemia, com o Covid. Mas já sabemos, depois disso já temos duas guerras no mundo com a relevância que têm. E este tipo de coisas são coisas que nós estamos sempre atentos para atualizar nos nossos conteúdos. Depois, há uma dimensão da tecnologia e das tecnologias que nós usamos para criar esta imersividade, porque o mundo aí está numa velocidade muito grande. Nós já estamos, neste momento, com planos para atualizar algumas salas de 2025, 26 para a frente. Portanto, a esse nível, o Quake é um organismo vivo, e que nós procuramos alimentá-lo e ter sempre este dinamismo.

MAF - E qual é que é a experiência que as pessoas mais gostam? Têm assim um ranking, um primeiro?

MM - É, sem dúvida, a sala da Igreja, tem o simulador.

AC - Porque sentem.

MM - Sentem o 1º de Novembro.

RC - Mas, eu acho que... Sim, é realmente como diz a Maria, o simulador. Do ponto de vista de tocar ali as emoções. Mas depois há um...

MAF - ...Quando se entra no... Eu gosto muito quando... O pós-sismo!

RC - ...É!

MM - Também. É. É, eu ia falar nesse precisamente.

MAF - ...Se calhar porque tem o cheiro, andamos a passear...

MM - E curiosamente as crianças acabam por ficar mais impressionadas com essa sala.

MAF - É?

MM- Sim.

AC- Pois.

MAF- É forte, não é?

MM- É muito forte.

RC- E depois é o todo. Porque a narrativa é uma história. Costumo às vezes fazer este exemplo: entrar no Quake é como entrar num filme, mas dentro do filme e não estar a assistir ao filme na plateia. E como em todas as narrativas fortes, há um desenlace no final e não deixa de haver ali. Não vamos fazer o spoiler, não vamos contar, mas que já visitaram, portanto, possivelmente sabem aquilo que eu estou a dizer. Há um desenlace na última sala, do ponto de vista das personagens que nós criámos para contar essa história, que faz com que as pessoas também lembrem muito aquilo que é a mensagem final. E essa mensagem final é algo que eu acho que toca muitas pessoas. Portanto, a última sala é uma sala que eu acho que é marcante.

MM- É marcante.

MAF- É.

RC- E já assistimos a tudo, desde pessoas a bater palmas a pessoas a chorar.

MAF- Mas depois, quando saem, entra-se naquela loja, que eu gosto imenso da vossa loja.

AC- Cheia de material didático.

MAF- Tem o Kit, tem... A régua! Que foi logo a minha... Tive que comprar a régua, não é?

(risos)

AC- Tem livros interessantíssimos. Eu acho que aquela loja é uma perdição. As pessoas têm aderido?

MM- Muito. E um dos nossos objetivos, até pegando na pergunta que estavas a fazer sobre, enfim, as alterações e o que pretendemos fazer, um dos nossos objetivos agora, a partir de setembro, é torná-la mais direcionada para a questão da proteção e da preparação. Queremos ser uma referência de uma loja em que as pessoas possam ir buscar ou encontrar artigos ligados à preparação. Temos o nosso kit, mas queremos ir mais além.

MAF- Outras coisas. Fixar os móveis, por exemplo, isso é um problema.

RC- E os airbags, como existe no Japão.

(risos)

AC- E outros eventos, como seminários ou pôr especialistas em contacto com a população? Isso é uma possibilidade ou não?

MAF- Promovem eventos?

MM - Sim. É uma possibilidade, sim, temos pensado nisso.

AC- Técnicos da Proteção Civil, por exemplo. Por falar nisso, eu estou envolvida agora num estudo do risco sísmico de Almada e uma das componentes é divulgar nas escolas não só a nossa tectónica e sismicidade, mas também as medidas protetivas que as crianças podem ter, juntamente com técnicos da Proteção Civil. E um dos técnicos da Proteção Civil deu umas ideias muito engraçadas para ter no kit. E eu fui ao vosso site, o site para já está ótimo, com imensas questões que estão a ser respondidas do ponto de vista científico, e está muito interessante, e fui lá ver o que é que vocês tinham no kit, que eu vou dizer aqui.

(risos)

AC- Aliás, que é o que está lá também no Quake. Água, alimentos não perecíveis, portanto, enlatados, frutos secos, etc., rádio a pilhas, lanterna, pilhas sobresselentes, kit de primeiros socorros, medicamentos essenciais, apito e cópia dos documentos de identificação. O que o técnico...

MAF- ...Técnico, da Proteção Civil.

AC- ...Técnico da Proteção Civil acrescentou também foi ter um fato de banho e chinelos, porque pode haver a necessidade de tomar banho...

MAF- Público.

AC- ...Público. E uma pessoa não se sente bem se estiver despida. Ração para os animais, caso tenham animais domésticos, dinheiro e uma muda de roupa, porque entretanto saís despido e está muito frio, devias ter um cachecol ou uma coisa qualquer. Pronto, pus aqui, só acrescentei.

MM- E algumas dessas coisas já pensamos.

MAF- E a manta térmica.

AC- Achei muito engraçado, foi mesmo sugestão do tal técnico, que diz que tem uma mochila do tamanho do mundo em casa e tem uma para cada filho e tem uma para o animal, tem uma mochila mesmo para o animal.

MM- Isso foi um assunto que até discutimos esta semana, que é a questão realmente dos animais. E nós começámos também a pensar nisso, porque cada vez mais as pessoas têm animais domésticos e querem também ter. Perguntam-nos inclusivamente na loja se temos alguma coisa para animais. E, sim, alargar um bocadinho essa sugestão, acho que é bastante válido.

RC- Acima de tudo, este tipo de discussão que nós entendemos, quer o kit, quer o plano de emergência familiar, numa lógica mais abrangente, como algo em que o nosso papel é estimular, dar um primeiro passo, porque depois cada núcleo familiar, cada pessoa, tem que construir isso à medida das suas necessidades.

MAF- Para exemplificar, num trabalho em que participei com a Câmara Municipal de Lisboa, tem realmente um autocolante para se pôr à porta de casa...

AC- ...Exato, eu ia dizer isso.

MAF- ...Para avisar aos bombeiros ou a quem lá for que existe...

AC- A Câmara mostrou um kit que tem lá...

RC- ...Que têm animais.

AC- ...Sim, sim. Que temos animais em casa. Para quem tiver que ir auxiliar, também procurar o animal, não é?

MM- Uma das coisas que nós agora vamos implementar na loja é os autocolantes dos “safe spot”. Ou seja, a pessoa poder identificar em casa quais é que são os locais mais seguros ou que podem servir... Até porque isto acaba por obrigar a família a falar sobre o assunto, a debater.

MAF - Tem que ter é... Perguntar a um engenheiro. Mas, no Peru, há mesmo os “S’s”, que é mesmo identificar qual é a zona segura da parede.

MM- Pela cidade provavelmente até, não?

MAF- Não, no prédio. Em edifícios, escritórios e assim. E às vezes, em reuniões com algumas empresas, eu sugiro promoverem essa informação, porque a pessoa não sabe, não é?

RC- O problema é que as pessoas às vezes delegam esta responsabilidade na Proteção Civil. E a Proteção Civil, por mais preparada que esteja – e agora esquecendo a questão do risco das casas e se elas estão ou não adequadas – mas independentemente disso, do ponto de vista da proteção, a Proteção Civil é algo que acontece horas depois, dias depois. E os primeiros segundos então é uma coisa quase individual, os primeiros minutos é uma questão no núcleo familiar e depois então alarga-se para os bairros. E por acaso, aconteceu este sismo da semana passada que tem esta particularidade, que é, que as pessoas descobriram que, na realidade, não sabem o que hão de fazer nos primeiros segundos. Ou seja, a maior parte das pessoas fica na expectativa, à espera.

MM- A tentar perceber se foi ou se não foi.

RC- A tentar perceber.

MAF- A tentar perceber o que é que é, não é?

RC- Mas estes primeiros segundos podem ter muita importância, e estas coisas são coisas que, antes de mais, as pessoas têm que ter consciência que pode acontecer, e, segundo, ter o automatismo de ir para aquele sítio na casa, reagir daquela maneira. E isto, eu acho que é um passo que nós estamos longe, a sociedade portuguesa, de estar preparados, e o Quake acho que está a conseguir criar esta consciência.

MM- Nós, por exemplo, avaliarmos em casa, se estamos numa sala ou se estamos no quarto, olhar e pensar assim: se acontecesse, para onde é que tu ias? Onde é que eu vou?

RC- Para ser automático, não é?

MM- Para ser automático. E estas coisas não se falam. E nós queremos realmente que... No

Quake incentivamos a que o visitante saia, mesmo, até as próprias crianças saem, às vezes, muito mais preocupadas que os adultos com o que é que podem fazer em casa.

AC- Sim, claro.

MAF- Pois, elas também são ótimos veículos para transmitir, não é? Portanto, por isso é que convém dizer desde pequenino. E prémios? Já têm prémios, não é? O Quake já recebeu muitos prémios, muitos.

RC- Já, já ganhámos uma série deles, maioritariamente até internacionais, o que nos dá realmente aqui um orgulho muito grande. E os dois mais relevantes foram logo no ano de abertura: fomos considerados a melhor experiência histórica do mundo nos THEA Awards (Themed Entertainment Association), que fomos receber a Los Angeles esse prémio, e estivemos a partilhar o palco com as grandes empresas na área do entretenimento e da cultura, e no ano seguinte ganhámos o World Travel Awards para a melhor experiência, a melhor atração turística na Europa.

AC- Que máximo!

MAF- Muito bom!

MM- Foi muito bom, até porque, principalmente o de Los Angeles, nós estarmos num palco com uma Disney...

MAF- É um orgulho!

MM- ... É um orgulho! E poder ver Lisboa, Portugal, num palco, num ecrã, e as pessoas virem ter connosco e realmente reconhecerem que...

RC- E receber a estatueta!

(risos)

AC- Muito bem, eu acho que temos que terminar, não é?

RC- Posso dizer, só dizer aqui uma coisa?

MAF- Sim. Alguma mensagem para a população?

RC- Queria realmente dizer uma coisa. Nós começámos por falar que, quer eu, quer a Maria, não tínhamos nada a ver com isto, e continuamos a não ter. Ao fim deste tempo todo, eu acho que o nosso nível de aprendizagem do ponto de vista mais científico ainda está na sua infância, mas, como dizia a Maria, reunimos realmente ou conseguimos sempre aproximarmo-nos das pessoas que nos foram ensinando isso, e já foram citados aqui alguns nomes, como da Susana e do Luís, do André Canhoto Costa também na parte histórica. Mas houve uma altura... Este projeto foi um processo muito, muito complexo. Houve um momento em que chegámos a ter cerca de cento e tal pessoas a trabalhar ao mesmo tempo neste projeto, a maior parte deles internacionais, empresas na área de tecnologia, na área criativa, para criar estas narrativas. Mas o que é interessante foi a forma como a equipa integrou, e eu lembro-me que uma das coisas que mais prazer nos deu foi a forma como alguns contribuíram para a ciência e como a ciência contribuiu para as narrativas e outras

áreas que aqui à partida não seriam tão próximas. Ainda me lembro do prazer do Luís, por exemplo, quando nós conseguimos, entre todos, resolver o problema da última sala, como é que nós queríamos encerrar a nossa história, e até foi uma ideia que veio do lado do Luís.

MM- É verdade.

RC- Que é o tal spoiler que não pode ser feito aqui.

(risos)

RC- E como realmente alguém da área da ciência consegue dar um contributo na área da criatividade e, ao longo do tempo, vice-versa aconteceu durante este projeto.

MAF- Quanto mais interação houver entre as diferentes áreas, mais importante.

AC- Olha, isso faz-me lembrar uma pergunta. De onde é que veio este investimento? Quem é que apoiou, vocês foram ter com quem? Como é que conseguiram montar isto?

RC- Isto é um investimento avultado e nós mudámos os dois a nossa vida toda, ou seja, metemos, como se costuma dizer em bom português, os ovos todos no mesmo cesto.

MAF- Arriscaram.

RC- Arriscámos. Desenhámos um projeto, apelámos a financiamento bancário e candidatámo-nos a uns fundos do Portugal 2020. Mas é um projeto que, sem termos arriscado a nossa vida nele, não teria visto a luz.

AC- E isso mantém-se ou já conseguem ter apoios de outras entidades? Não?

RC- Não. A cultura em Portugal é uma coisa em que ou há o monopólio do Estado — e aqui aproveito só para fazer aqui um pensamento, a minha visão pessoal sobre isto, ou seja, eu também gostaria que a cultura fosse gratuita para toda a gente, e também gostava que o Quake fosse gratuito para toda a gente, e para isso o Estado tinha que ter um papel muito mais interventivo na área da cultura e da ciência do que tem. Agora, o que não pode ser feito — e isso é que nos custa e temos batalhado muito com isto, no sentido de encontrar os nossos equilíbrios — é que não podemos, por um lado, oferecer as entradas gratuitas nos equipamentos do Estado, e depois os privados continuam a ser pagos e sem ajudas. E esse é um ponto que nós vivemos, mas vivemos neste contexto, já sabíamos que era assim, conhecemos o nosso país a esse nível. Mas o nosso país tem coisas fantásticas e as pessoas estão a gostar do Quake, portanto...

MAF- Sim, estão de parabéns!

AC- Estão de parabéns e desejamos a maior sorte, e para bem de nós todos que isso se mantenha durante muito tempo.

MM- Obrigada.

RC - Obrigado.

AC- Temos que terminar porque este podcast já vai longo.

MAF- Muito obrigada por terem aceitado o nosso convite. O nosso podcast de hoje "sismou" com Maria Marques e Ricardo Clemente, fundadores do museu Quake, em Lisboa. Já sabe que nos podem ouvir, a este episódio e a todos os outros do Sismar, no site spessismica.pt, nas plataformas Spotify, Apple Podcast, Facebook, LinkedIn, e Instagram. Escreva-nos para spes.sismar@gmail.com.

E espere o inesperado, mas para isso mantenha-se alerta e preparado. Obrigada.

AC- Obrigada.

MM- Obrigada nós.

RC- Obrigado.

[Música]

Sismar podcast

Apresentação: Alexandra Carvalho e Mónica Amaral Ferreira

Edição e Sonoplastia: Hugo O'Neill

Créditos de Música:

Paténipat, Charlotte Adigéry

Sinais, Clã